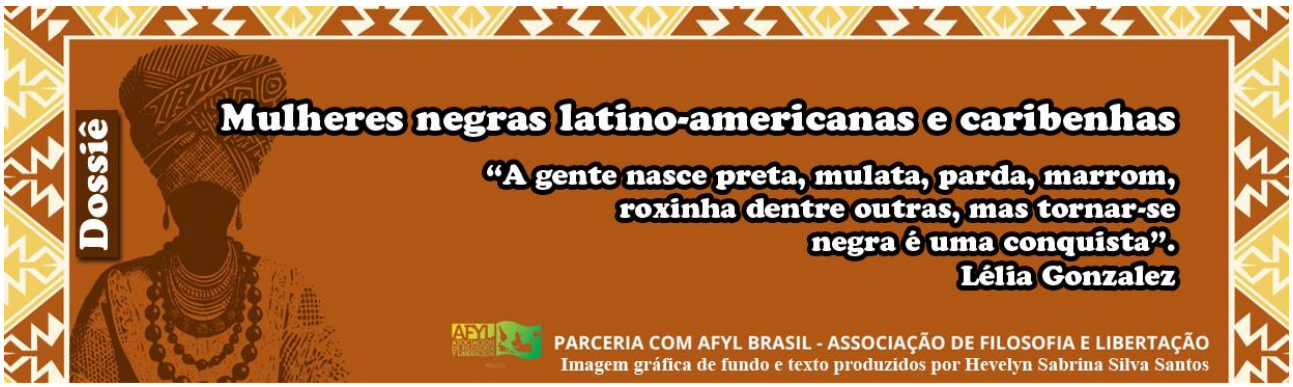


Nietzsche e o livro de Isaías: entre a morte de Deus e a esperança messiânica

Nietzsche and the book of Isaiah: between the death of god and messianic hope

Marco Aurélio da Silva

Resumo

Este artigo investiga criticamente as tensões filosóficas, hermenêuticas e civilizacionais entre Friedrich Nietzsche e o Livro de Isaías, recusando interpretações simplificadoras que reduzem essa relação à oposição entre ateísmo e religião. Partindo da genealogia nietzschiana da moral e da crítica à transcendência metafísica, o estudo analisa em que medida a tradição profética hebraica participa da constituição da moral ascética denunciada por Nietzsche e, simultaneamente, em que medida a experiência profética isaiana ultrapassa essa interpretação ao constituir-se como linguagem de denúncia histórica, resistência política e crítica da decadência civilizacional. Entre a voz do profeta que anuncia juízo sobre reis, impérios e injustiças e a voz do filósofo que proclama a morte de Deus diante do colapso espiritual do Ocidente, emerge uma disputa radical pelo sentido da existência humana. O artigo examina os problemas da culpa, do ressentimento, do sofrimento, da esperança messiânica, do niilismo e da criação de valores, articulando hermenêutica filosófica, genealogia da moral e filosofia da religião em diálogo com Martin Heidegger, Karl Jaspers, Paul Ricoeur, Gilles Deleuze, Walter Benjamin e Northrop Frye. Sustenta-se como tese central que Isaías e Nietzsche, embora situados em horizontes ontológicos inconciliáveis, constituem vozes rivais da crise do Ocidente: um insiste que sem transcendência a história sucumbe à violência absoluta; o outro denuncia precisamente a transcendência como origem do niilismo e da negação da vida.

Conclui-se que o confronto entre Isaías e Nietzsche permanece decisivo para compreender a crise contemporânea do sentido, da linguagem e da condição humana após o colapso dos fundamentos metafísicos tradicionais.

Palavras-chave: Nietzsche; Isaías; niilismo; transcendência; moral profética; crise civilizacional.

Abstract

This article critically investigates the philosophical, hermeneutic, and civilizational tensions between Friedrich Nietzsche and the Book of Isaiah, rejecting reductive interpretations that confine their relationship to a mere opposition between atheism and religion. Drawing upon Nietzsche's genealogy of morality and his critique of metaphysical transcendence, the study examines to what extent the Hebrew prophetic tradition participates in the ascetic morality denounced by Nietzsche and, at the same time, how Isaian prophecy exceeds such interpretation by constituting a language of historical denunciation, political resistance, and critique of civilizational decay. Between the voice of the prophet proclaiming judgment against kings, empires, and injustice and the voice of the philosopher announcing the death of God amid the spiritual collapse of the West, there emerges a radical dispute over the meaning of human existence. The article explores the problems of guilt, resentment, suffering, messianic hope, nihilism, and the creation of values through an interdisciplinary dialogue involving philosophical hermeneutics, genealogy of morality, and philosophy of religion, engaging critically with Martin Heidegger, Karl Jaspers, Paul Ricoeur, Gilles Deleuze, Walter Benjamin, and Northrop Frye. The central thesis argues that Isaiah and Nietzsche, although situated within irreconcilable ontological horizons, emerge as rival voices of the Western crisis: one insists that without transcendence history collapses into absolute violence, while the other denounces transcendence itself as the origin of nihilism and the negation of life. The study concludes that the confrontation between Isaiah and Nietzsche remains crucial for understanding the contemporary crisis of meaning, language, and human existence after the collapse of traditional metaphysical foundations.

Keywords: Nietzsche; Isaiah; nihilism; transcendence; prophetic morality; civilizational

Introdução

A relação entre Friedrich Nietzsche e a tradição bíblica permanece como um dos problemas mais densos e controversos da filosofia contemporânea porque envolve não apenas a crítica da religião,

mas uma disputa radical em torno dos fundamentos morais, metafísicos, políticos e civilizatórios do Ocidente. Em grande parte da recepção acadêmica, tal relação foi frequentemente reduzida a uma oposição simplificadora entre “ateísmo” e “fé”, “filosofia” e “teologia”, “modernidade” e “tradição religiosa”. Essa leitura, entretanto, obscurece o verdadeiro alcance da crítica nietzschiana e empobrece a complexidade histórica da literatura profética hebraica. Nietzsche não se limita a negar Deus ou a atacar o cristianismo institucional; sua filosofia constitui uma investigação genealógica sobre a origem dos valores que estruturaram a civilização ocidental. O problema central desloca-se, portanto, da crença para a moral, da religião para a produção histórica do sentido, da metafísica para os mecanismos de domesticação da existência.

Nesse horizonte, a tradição profética bíblica particularmente o Livro de Isaías, adquire relevância filosófica singular. Isaías não pode ser reduzido a um discurso exclusivamente espiritual ou escatológico. Sua profecia emerge em um contexto histórico concreto de crise política, expansão imperial assíria, colapso institucional de Judá, concentração de riqueza, exploração econômica e corrupção das elites de Jerusalém. A linguagem profética nasce, assim, da experiência histórica da ruína. O profeta denuncia governantes injustos, sacerdotes corrompidos, acúmulo de propriedade e degradação ética da vida coletiva. Em Isaías 1, a crítica ao ritual religioso desvinculado da justiça social revela a centralidade política de sua profecia: o culto torna-se ilegítimo quando separado da defesa do órfão, da viúva e do oprimido. Já em Isaías 5, a condenação daqueles que “ajuntam casa a casa e campo a campo” explicita crítica social dirigida à concentração de terras e à destruição da vida comunitária. A transcendência, nesse contexto, não opera apenas como promessa de salvação ultramundana, mas como princípio crítico de desnaturalização do poder histórico.

É precisamente nesse ponto que o encontro entre Nietzsche e Isaías torna-se filosoficamente fecundo. Ambos aparecem como intérpretes radicais da decadência de sua época. Ambos diagnosticam processos históricos de corrupção civilizacional. Ambos denunciam formas de falsificação da vida coletiva. Contudo, aquilo que cada um entende por decadência revela divergência ontológica profunda. Para Nietzsche, a decadência nasce da negação da vida promovida pela moral ascética. A tradição judaico-cristã teria transformado fraqueza em virtude, sofrimento em valor espiritual e renúncia em superioridade moral. Em Genealogia da Moral, o filósofo identifica na moral sacerdotal a produção histórica do ressentimento: incapazes de exercer potência efetiva sobre o mundo, os fracos transformam sua impotência em princípio ético universal. O niilismo emerge quando a existência concreta passa a ser julgada a partir de ideais transcendentes que depreciam a imanência da vida.

Isaías, entretanto, opera com diagnóstico distinto da crise histórica. A decadência não decorre da afirmação da compaixão ou da transcendência, mas da ruptura da justiça coletiva, da corrupção política e da destruição da responsabilidade ética comunitária. O problema central não é o excesso de moralidade, mas precisamente a degradação histórica da justiça. A crítica isaiana à violência das elites, à idolatria do poder e à instrumentalização da religião revela uma concepção segundo a qual a ruína histórica nasce da perversão da ordem ética e social. Dessa forma, enquanto Nietzsche interpreta a transcendência como sintoma de negação da vida, Isaías compreende a transcendência como instância crítica capaz de julgar historicamente a corrupção do poder humano. Surge, então, uma tensão decisiva: aquilo que Nietzsche denuncia como moral da decadência aparece, em Isaías, como linguagem de resistência histórica.

Essa tensão impede tanto a redução apologética de Isaías quanto a simplificação antirreligiosa de Nietzsche. O profeta não pode ser compreendido apenas como representante da resignação espiritual, assim como Nietzsche não pode ser interpretado apenas como destruidor da religião. Ambos constituem formas concorrentes de interpretação da crise civilizacional. Isaías interpreta a história a partir da soberania divina e da exigência ética da justiça; Nietzsche interpreta a história a partir da genealogia dos valores e da crítica da metafísica ocidental. O primeiro compreende o sofrimento como expressão histórica da ruptura moral coletiva; o segundo denuncia a glorificação do sofrimento como mecanismo de domesticação da vida. Ambos, entretanto, compartilham uma percepção radical da falsidade das estruturas sociais estabelecidas.

A própria linguagem utilizada por ambos evidencia essa aproximação paradoxal. Isaías não escreve como sistematizador teológico abstrato, mas como anunciador da crise histórica. Sua escrita é marcada por imagens apocalípticas, metáforas violentas, oráculos de julgamento e promessas de restauração. De maneira semelhante, Assim Falou Zaratustra abandona deliberadamente o modelo tradicional do tratado filosófico e aproxima-se estruturalmente da linguagem profética. Zaratustra desce da montanha para anunciar a morte de Deus e a necessidade de criação de novos valores. Sua fala assume tom performativo, simbólico e oracular. Nietzsche combate a metafísica cristã utilizando uma forma literária profundamente próxima da tradição profética que critica. Tal ambiguidade revela que sua ruptura com a tradição bíblica não elimina completamente sua proximidade estrutural com ela.

Nesse sentido, o problema filosófico central deste artigo consiste em investigar em que medida a crítica nietzschiana da transcendência e da moral ascética pode ser aplicada ao Livro de Isaías sem reduzir a tradição profética a uma interpretação homogênea do ressentimento religioso. Trata-se de compreender não apenas se Isaías participa da genealogia da moral denunciada por Nietzsche, mas

também se sua experiência profética contém elementos políticos, históricos, poéticos e éticos que resistem à redução da religião ao niilismo. Mais do que estabelecer oposição entre filosofia e religião, o artigo busca analisar o confronto entre duas ontologias da crise histórica: de um lado, a crítica nietzschiana da decadência produzida pela metafísica moral; de outro, a interpretação isaiana da ruína civilizacional como consequência da corrupção da justiça.

O objetivo geral consiste em analisar criticamente as tensões entre transcendência, moral profética, sofrimento, niilismo e afirmação da existência na relação entre Nietzsche e o Livro de Isaías. Especificamente, pretende-se: investigar a genealogia nietzschiana da moral judaico-cristã; examinar o conceito de decadência em Nietzsche e Isaías; analisar a relação entre transcendência e crítica histórica na tradição profética; compreender a tensão entre niilismo e esperança messiânica; interpretar o problema do sofrimento e da compaixão; e investigar as aproximações estruturais entre linguagem profética e escrita filosófico-poética.

A hipótese central sustenta que, embora Nietzsche critique radicalmente a tradição judaico-cristã como produtora de moral ascética e niilismo, o Livro de Isaías apresenta elementos de crítica histórica, denúncia política e intensidade estética que impedem sua redução à lógica do ressentimento religioso. A profecia isaiana não representa apenas submissão transcendental, mas constitui forma de resistência simbólica e interpretação radical da crise civilizacional. A relação entre Nietzsche e Isaías revela-se, assim, ambígua e dialética: ambos denunciam a decadência histórica, mas divergem radicalmente quanto às origens da crise, ao significado do sofrimento e à possibilidade de redenção.

A tese defendida neste estudo afirma que Nietzsche e Isaías representam dois diagnósticos concorrentes da crise da civilização ocidental. Enquanto Isaías compreende a decadência como ruptura da justiça e afastamento da soberania divina, Nietzsche interpreta a decadência como resultado da negação da vida produzida pela moral transcendente. O confronto entre ambos revela duas respostas radicalmente distintas para o problema do sentido humano: a esperança escatológica fundada na justiça divina e a afirmação imanente da existência por meio da criação trágica de valores.

Do ponto de vista metodológico, o artigo articula genealogia da moral como método crítico-histórico de investigação dos valores, hermenêutica filosófica da linguagem simbólica e análise discursiva da tradição profética. O diálogo com Martin Heidegger, Karl Jaspers, Paul Ricoeur, Gilles Deleuze, Walter Benjamin e Northrop Frye permite evitar tanto interpretações teológicas

dogmáticas quanto leituras simplificadoras da crítica nietzschiana da religião, buscando compreender a dimensão histórica, política, simbólica e estética da profecia.

A estrutura do artigo organiza-se em quatro movimentos analíticos interdependentes. Na primeira seção, examina-se a genealogia nietzschiana da moral e sua crítica à tradição profética, discutindo ressentimento, culpa, ascetismo e decadência. Na segunda, analisa-se a figura do profeta em Isaías e do filósofo em Nietzsche, enfatizando linguagem, performatividade discursiva e crítica histórica. Na terceira seção, discute-se a tensão entre niilismo e esperança messiânica, investigando as diferentes respostas de Nietzsche e Isaías à crise do sentido. A quarta seção aborda o problema do sofrimento, da compaixão e da redenção, confrontando a figura do servo sofredor isaiano com a crítica nietzschiana da glorificação moral da dor.

A relevância deste estudo reside precisamente na tentativa de construir uma leitura interdisciplinar capaz de compreender Nietzsche e Isaías não como representantes abstratos de "ateísmo" e "religião", mas como intérpretes rivais da decadência histórica e da crise civilizacional do Ocidente. Ao aproximar filosofia, hermenêutica, crítica cultural e teologia política, o artigo busca demonstrar que a tensão entre transcendência e afirmação da vida permanece central para compreender os impasses contemporâneos ligados ao niilismo, à crise dos valores, à violência política e à disputa em torno do sentido da existência humana.

A genealogia da moral e a crítica da tradição profética

A crítica formulada por Friedrich Nietzsche à tradição judaico-cristã constitui uma das mais profundas tentativas modernas de desmontar os fundamentos morais da civilização ocidental. Entretanto, reduzir essa crítica a um simples ataque à religião significa obscurecer o verdadeiro alcance de seu projeto filosófico. Nietzsche não combate apenas a crença em Deus, mas uma determinada estrutura metafísica de interpretação da existência que, segundo ele, transformou a vida em culpa, o sofrimento em virtude e a renúncia em ideal moral. Em Genealogia da Moral, a moral deixa de ser compreendida como princípio universal transcendente e passa a ser investigada como produto histórico das relações de força. O filósofo desloca a pergunta clássica da ética, "o que é o bem?", para uma questão radicalmente genealógica: "quem produziu o bem, em quais condições históricas e com quais interesses?". A moral passa, então, a ser interpretada como campo de disputa política, psicológica e civilizatória.

Essa ruptura metodológica altera profundamente a compreensão da tradição religiosa. Para Nietzsche, os valores dominantes do Ocidente não nasceram da afirmação da vida, mas da reação

dos impotentes diante daqueles que possuíam força, potência e capacidade criadora. A chamada "moral dos escravos" emerge quando o ressentimento transforma a fraqueza em superioridade ética. Aquilo que os aristocratas antigos afirmavam como expressão da grandeza humana coragem, expansão, orgulho, intensidade vital, é reinterpretado como pecado, violência ou corrupção moral. Em contrapartida, humildade, submissão, obediência e sofrimento tornam-se virtudes. O ressentimento não destrói diretamente a força; ele a desqualifica moralmente. A genealogia nietzschiana identifica precisamente nesse movimento a origem da moral ascética que culminaria no cristianismo.

Todavia, quando Nietzsche aproxima a tradição profética hebraica dessa inversão moral, surge um problema hermenêutico decisivo. O Livro de Isaías não pode ser compreendido apenas como antecipação da moral da resignação denunciada por Nietzsche. Isaías emerge em contexto histórico marcado por guerras, desigualdade social, corrupção das elites de Jerusalém, concentração de riquezas e crise política do reino de Judá. Sua linguagem profética nasce da experiência concreta da ruína histórica e não simplesmente da elaboração abstrata de um sistema moral transcendente. O profeta não fala prioritariamente sobre culpa individual; ele denuncia estruturas coletivas de injustiça. Em Isaías 1, por exemplo, a crítica dirige-se diretamente ao ritual religioso esvaziado de responsabilidade ética: "aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas". A crítica profética não se limita ao pecado metafísico; ela alcança o funcionamento material da sociedade.

Nesse aspecto, Isaías introduz um problema que resiste parcialmente à leitura genealógica nietzschiana. Se Nietzsche interpreta a moral religiosa como mecanismo de domesticação da vida, Isaías utiliza precisamente a transcendência como instrumento de desnaturalização do poder histórico. Deus, no discurso profético, não legitima automaticamente a ordem social existente; ao contrário, torna-se fundamento da crítica radical às elites políticas e econômicas. A soberania divina relativiza a soberania dos reis. A transcendência funciona, assim, não apenas como promessa de salvação ultramundana, mas como linguagem ética de confrontação histórica. O profeta denuncia acumulação de riquezas, exploração econômica e corrupção institucional. Em Isaías 5, a condenação daqueles que "ajuntam casa a casa e campo a campo" revela uma crítica explícita à concentração de propriedade e à desigualdade social. O problema central do texto não é a negação da vida terrena, mas a degradação histórica da justiça.

Esse ponto produz uma tensão filosófica decisiva entre Nietzsche e Isaías. Para Nietzsche, a transcendência constitui mecanismo de desvalorização da existência concreta. A promessa de um além-mundo impede a afirmação trágica da realidade. Em O Anticristo, o filósofo sustenta que o

cristianismo transformou a compaixão em princípio supremo e, com isso, converteu o sofrimento em fundamento moral da civilização. O problema da religião não estaria apenas em suas crenças, mas no fato de glorificar a fraqueza e transformar a impotência em virtude espiritual. Entretanto, Isaías parece operar em direção parcialmente distinta. Sua denúncia não glorifica simplesmente os fracos; ela denuncia a injustiça produzida pelos fortes. O sofrimento, em Isaías, não é automaticamente santificado; ele aparece como consequência histórica da corrupção social e da ruptura da justiça coletiva.

Nesse sentido, Isaías pode ser lido não apenas como representante da transcendência religiosa, mas como crítico radical da decadência civilizacional. E precisamente aqui emerge uma aproximação inesperada com Nietzsche. Ambos interpretam sua época como experiência de crise histórica profunda. Ambos denunciam sociedades corroídas internamente por formas de falsidade moral. Ambos desconfiam da superficialidade das instituições estabelecidas. Ambos assumem a linguagem como instrumento de ruptura. Contudo, enquanto Nietzsche interpreta a decadência como resultado da negação da vida produzida pela moral ascética, Isaías compreende a decadência como consequência da corrupção da justiça e da destruição da aliança ética entre povo, poder e transcendência.

A diferença é decisiva porque revela duas ontologias distintas da crise histórica. Nietzsche entende a decadência como enfraquecimento da vontade de potência. O homem moderno tornou-se incapaz de criar valores porque permanece aprisionado a ideais metafísicos decadentes. O niilismo surge quando os valores transcendentes perdem credibilidade, mas continuam organizando inconscientemente a cultura ocidental. Isaías, ao contrário, interpreta a crise a partir da ruptura da ordem moral inscrita na relação entre justiça e soberania divina. Não é o excesso de transcendência que produz a ruína histórica, mas a perda da responsabilidade ética coletiva. Onde Nietzsche vê ressentimento, Isaías vê corrupção. Onde Nietzsche denuncia culpa interiorizada, Isaías denuncia violência social objetiva.

Essa divergência torna-se ainda mais complexa quando se observa a questão do sofrimento. Em Isaías 53, a figura do servo sofredor aparece associada à permanência ética diante da violência histórica. O sofrimento não possui apenas dimensão individual; ele assume significado coletivo e político. A dor do servo representa a experiência histórica de um povo submetido à destruição, ao exílio e à opressão. Nietzsche, entretanto, interpreta a glorificação do sofrimento como uma das expressões máximas da moral decadente. Para ele, transformar a dor em valor espiritual significa impedir a superação afirmativa da existência. A compaixão prolongaria o sofrimento ao invés de criar potência. Contudo, a leitura isaiana introduz uma dimensão que Nietzsche tende a subestimar:

a possibilidade de que o sofrimento seja não celebração da fraqueza, mas denúncia da violência estrutural da história.

A contribuição de Paul Ricoeur torna-se fundamental para compreender essa tensão. Ricoeur demonstra que o símbolo religioso não opera apenas como mecanismo de alienação, mas como linguagem de interpretação radical da experiência humana. O discurso profético não se reduz à moral disciplinadora; ele produz imaginação ética e reorganização simbólica do mundo histórico. Em Isaías, o símbolo não paralisa a ação; ele convoca transformação histórica. O profeta rompe a naturalização da injustiça precisamente porque introduz uma instância transcendente de julgamento capaz de relativizar o poder político existente.

De maneira semelhante, Walter Benjamin observa que a tradição profética contém potência crítica contra a linearidade triunfal da história. A profecia interrompe a normalização da barbárie. Isaías não anuncia apenas redenção futura; ele denuncia o presente histórico como estruturalmente injusto. Essa dimensão aproxima o profeta da própria radicalidade crítica de Nietzsche. Ambos recusam reconciliações fáceis com o mundo existente. Ambos percebem que a civilização produz formas sofisticadas de violência moral e política. Contudo, enquanto Isaías ainda acredita em uma justiça transcendente capaz de redimir a história, Nietzsche sustenta que qualquer esperança metafísica prolonga precisamente o niilismo que destrói a potência da vida.

A própria linguagem utilizada por ambos revela essa proximidade paradoxal. Isaías não escreve como teólogo sistemático; escreve como anunciador da crise. Sua palavra é imagética, poética, performativa e simbólica. O mesmo ocorre em Assim Falou Zaratustra. Nietzsche abandona deliberadamente o discurso filosófico tradicional e aproxima-se estruturalmente do tom profético. Zaratustra desce da montanha para anunciar uma ruptura civilizacional: a morte de Deus e a necessidade da criação de novos valores. Assim como Isaías denuncia Jerusalém corrompida, Zaratustra denuncia a mediocridade espiritual do homem moderno. Ambos falam em nome de uma crise histórica; ambos utilizam metáforas, parábolas e imagens apocalípticas; ambos procuram despertar seus ouvintes da acomodação moral de sua época.

Entretanto, a convergência formal da linguagem não elimina a ruptura ontológica entre ambos. Isaías ancora a possibilidade de redenção na soberania divina e na restauração escatológica da justiça. Nietzsche recusa qualquer fundamento transcendente e exige a afirmação imanente da existência em meio ao caos do devir. O profeta ainda acredita que a história possui direção moral; Nietzsche insiste que o universo não oferece garantias metafísicas. A tensão entre ambos revela,

portanto, duas formas radicalmente distintas de responder à experiência da decadência: a esperança messiânica da justiça futura e a afirmação trágica da vida sem transcendência.

Dessa maneira, a genealogia da moral diante do Livro de Isaías revela uma relação muito mais ambígua e complexa do que aquela sugerida pela simples oposição entre religião e ateísmo. Nietzsche identifica com profundidade os mecanismos históricos de culpabilização e ascetização presentes na tradição ocidental. Contudo, Isaías resiste à redução da profecia ao ressentimento porque sua linguagem contém potência crítica, denúncia histórica e imaginação ética. O profeta não é apenas sacerdote da submissão; é intérprete radical da injustiça histórica. Nietzsche, por sua vez, não é apenas destruidor da religião; é pensador trágico da crise civilizacional moderna. O confronto entre ambos revela duas formas concorrentes de crítica da decadência humana e duas respostas profundamente distintas ao problema do sofrimento, da justiça e do sentido da existência.

Sofrimento, compaixão e redenção: a disputa entre Isaías e Nietzsche pelo sentido da dor humana

O problema do sofrimento constitui um dos pontos mais explosivos da tensão filosófica entre Nietzsche e o Livro de Isaías porque nele se confrontam duas interpretações radicalmente distintas da condição humana, da justiça e do próprio valor da existência. Não se trata apenas de divergência moral ou religiosa, mas de disputa ontológica acerca do significado da dor. Em Isaías, o sofrimento pode tornar-se linguagem histórica da redenção e memória coletiva da injustiça. Em Nietzsche, a transformação da dor em valor espiritual representa precisamente o sintoma mais profundo da decadência ocidental. Ambos reconhecem que o sofrimento ocupa posição central na experiência humana; contudo, divergem radicalmente quanto à pergunta decisiva: a dor deve ser redimida, suportada ou afirmada?

A tradição profética isaiana interpreta o sofrimento no interior de uma crise histórica concreta. O servo sofredor de Isaías 52:13–53:12 não surge como figura abstrata da espiritualidade individual, mas como símbolo coletivo atravessado pela violência política, pela humilhação histórica e pela destruição social. “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e experimentado nos sofrimentos” (Is 53:3). O sofrimento aparece ligado ao colapso de Judá, ao exílio, à dominação imperial e à experiência de ruína civilizacional. O corpo do servo torna-se espaço de inscrição da violência histórica. “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades” (Is 53:5). A dor não é apenas psicológica ou metafísica;

ela é corporal, política e coletiva. O sofrimento do servo carrega a marca concreta da brutalidade da história.

Entretanto, Isaías não apenas descreve a dor; ele a interpreta teologicamente. É precisamente aqui que emerge o conflito decisivo com Nietzsche. O sofrimento do servo não permanece absurdo ou contingente. Ele é incorporado a uma economia simbólica da redenção. “Pelas suas feridas fomos sarados” (Is 53:5). A dor adquire significado salvífico. A violência histórica é reinterpretada à luz de uma soberania transcendente que promete restauração futura da justiça. O sofrimento deixa de ser apenas destruição e converte-se em possibilidade escatológica de redenção coletiva. Essa operação é central para a tradição bíblica: a catástrofe histórica não representa simples caos sem sentido, mas momento inscrito em uma narrativa maior de julgamento, purificação e restauração.

É precisamente essa moralização transcendente da dor que Nietzsche considera uma das formas mais perigosas de negação da vida. Em O Anticristo, o filósofo sustenta que o cristianismo herdeiro radicalizado da tradição profética judaica, transformou o sofrimento em fundamento moral da civilização. A dor deixa de ser experiência trágica da existência para tornar-se valor espiritual. O fraco converte sua impotência em superioridade ética; a vítima torna-se moralmente elevada; a compaixão passa a ser celebrada como virtude universal. Nietzsche vê nesse processo não libertação, mas enfraquecimento fisiológico da vida. A compaixão, afirma ele, “multiplica a miséria no mundo”. Em vez de superar a decadência, ela a conserva.

A crítica nietzschiana possui dimensão muito mais radical do que uma simples rejeição da piedade. O problema da compaixão é, para ele, corporal, fisiológico e civilizacional. Nietzsche interpreta a moral ascética como domesticação dos impulsos vitais. O sofrimento, quando transformado em virtude, impede a afirmação trágica da existência. A dor deixa de ser enfrentada como realidade inevitável do devir e passa a funcionar como instrumento de culpabilização da vida. Em Genealogia da Moral, o sacerdote ascético aparece como aquele que reorganiza o sofrimento mediante interiorização da culpa. O homem sofre, mas em vez de afirmar tragicamente sua condição, aprende a interpretar a própria dor como dívida moral diante de Deus. Surge, assim, a “má consciência”: o sofrimento torna-se punição, pecado e mecanismo de controle espiritual.

Nesse ponto, Isaías e Nietzsche entram em colisão direta. Para Isaías, a dor do servo revela precisamente a profundidade da injustiça humana e da corrupção histórica. O sofrimento denuncia a violência do mundo. Já para Nietzsche, transformar a vítima em centro moral da história significa instaurar uma civilização fundada na glorificação da fraqueza. O que Isaías interpreta como redenção coletiva, Nietzsche interpreta como triunfo do niilismo. A dor redentora, para o filósofo,

constitui forma sofisticada de hostilidade contra a vida. O sofrimento deixa de ser força trágica da existência e converte-se em justificativa metafísica da impotência.

Entretanto, reduzir Isaías à lógica da passividade ascética constitui simplificação hermenêutica problemática. O servo sofredor não representa apenas submissão; ele também encarna resistência histórica diante da destruição. A dor não é celebrada como prazer masoquista nem como ideal abstrato de renúncia. Ela aparece como consequência concreta da violência coletiva. Isaías não romantiza o sofrimento: ele expõe a brutalidade histórica que atravessa os corpos dos vencidos. “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro” (Is 53:7). O silêncio do servo não significa necessariamente aceitação passiva; pode ser interpretado como testemunho extremo da violência civilizacional. Aqui, o sofrimento torna-se memória histórica da barbárie.

A leitura de Walter Benjamin torna essa dimensão particularmente importante. Benjamin sustenta que a história oficial é construída pelos vencedores e tende a apagar o sofrimento dos derrotados. A tradição profética rompe essa lógica ao tornar visível aquilo que o poder procura ocultar. O servo sofredor pode ser lido, portanto, como imagem histórica dos vencidos da civilização. Sua dor denuncia a violência estrutural do progresso político e imperial. Contudo, Benjamin distancia-se de Nietzsche exatamente porque não considera toda redenção necessariamente niilista. Para Benjamin, a esperança messiânica preserva a possibilidade de interromper a continuidade da barbárie histórica. Nietzsche, ao contrário, suspeitaria que qualquer redenção ainda mantém o homem prisioneiro da transcendência.

Essa divergência revela duas concepções opostas de justiça. Isaías interpreta o sofrimento como exigência ética de restauração histórica. A dor do servo convoca transformação da ordem social. Já Nietzsche vê na compaixão um mecanismo que enfraquece a capacidade humana de afirmar a existência. A compaixão impede seleção, intensificação e criação. O filósofo considera profundamente decadente uma civilização organizada em torno da proteção da fraqueza. O problema não é apenas moral; é ontológico. A cultura da compaixão produz, segundo Nietzsche, esgotamento das forças afirmativas da vida.

A interpretação de Gilles Deleuze radicaliza essa leitura ao afirmar que Nietzsche constrói uma filosofia da afirmação contra todas as formas reativas de existência. O sofrimento torna-se negativo quando aprisiona o sujeito em ressentimento, culpa ou identidade vitimária. A moral do sofrimento impede criação de novos valores porque fixa a existência na memória da dor. Entretanto, Isaías parece operar precisamente na direção contrária: a memória do sofrimento coletivo deve

permanecer viva para impedir naturalização da injustiça histórica. O que Nietzsche chama de ressentimento, Isaías poderia interpretar como exigência ética de memória diante da violência.

Aqui emerge uma questão decisiva: Nietzsche e Isaías disputam não apenas o significado do sofrimento, mas o próprio direito de interpretar a dor humana. Para Nietzsche, redimir o sofrimento significa negar sua realidade trágica. A dor deve ser afirmada sem transcendência, sem compensação metafísica e sem promessa escatológica. Já Isaías recusa aceitar a violência histórica como simples fato bruto do mundo. O sofrimento exige julgamento, memória e restauração da justiça. O profeta não aceita a eternização trágica da dor; Nietzsche desconfia profundamente de qualquer esperança de redenção.

A leitura de Martin Heidegger aprofunda ainda mais o problema ao compreender Nietzsche como pensador da consumação do niilismo ocidental. Para Heidegger, Nietzsche identifica que toda metafísica transcendente acaba desvalorizando o mundo sensível em favor de um além. O sofrimento redentor seria uma das expressões máximas dessa estrutura metafísica. Isaías, entretanto, permanece inscrito precisamente nessa lógica transcendente. A dor do servo possui sentido porque existe soberania divina capaz de reintegrar a história a uma ordem escatológica maior. Para Nietzsche, isso impede a afirmação radical do devir.

Entretanto, a própria filosofia nietzschiana mantém relação ambígua com o sofrimento. Nietzsche não busca eliminar a dor; ao contrário, considera-a condição da criação. Em Assim Falou Zaratustra, a grandeza humana nasce frequentemente da travessia do sofrimento. O problema não é sofrer, mas transformar o sofrimento em fundamento moral absoluto. A dor afirmativa intensifica a vida; a dor moralizada produz decadência. Surge aqui a dimensão corporal central da filosofia nietzschiana. O sofrimento deve ser compreendido como experiência das forças vitais e não como mecanismo de salvação transcendente. O corpo, para Nietzsche, é campo de potência; para Isaías, é frequentemente espaço onde a violência histórica e o juízo divino se manifestam.

A contribuição de Karl Jaspers permite compreender essa tensão como confronto entre duas respostas às "situações-limite" da existência. O sofrimento revela a precariedade radical da condição humana. Entretanto, Isaías responde à dor mediante esperança escatológica e justiça divina, enquanto Nietzsche exige enfrentamento trágico da existência sem qualquer garantia transcendente. O primeiro busca redenção; o segundo busca superação afirmativa. Ambos recusam superficialidade moral, mas divergem radicalmente sobre o destino humano diante da dor.

A dimensão poética dessa disputa também é decisiva. Northrop Frye demonstra que a linguagem bíblica opera por imagens de exílio, destruição, ruína e restauração. O sofrimento em Isaías não é

apenas conceito moral; é experiência imagética da catástrofe histórica. Nietzsche, por sua vez, utiliza metáforas trágicas, aforismos e imagens apocalípticas para pensar o niilismo moderno. Ambos compreendem que a dor ultrapassa os limites da linguagem racional abstrata. Contudo, enquanto Isaías utiliza a poética para preservar esperança de redenção, Nietzsche a utiliza para anunciar a necessidade de afirmar a existência após a morte de todos os fundamentos metafísicos.

O confronto entre Isaías e Nietzsche revela, portanto, duas ontologias radicalmente distintas do sofrimento. Isaías interpreta a dor como memória histórica da injustiça e possibilidade escatológica de restauração da justiça divina. Nietzsche vê na redenção do sofrimento a continuação do niilismo metafísico e da hostilidade contra a vida. O profeta exige justiça para os corpos feridos da história; o filósofo exige libertação da existência diante da moralização da dor. Ambos reconhecem a violência constitutiva da condição humana, mas respondem a ela por caminhos profundamente incompatíveis.

Essa tensão conduz diretamente à próxima problemática do artigo: a relação entre niilismo e esperança messiânica. Se Isaías interpreta o sofrimento como possibilidade de redenção histórica e Nietzsche denuncia a redenção como negação da vida, então a questão decisiva desloca-se para o problema do sentido. A esperança messiânica constitui superação da barbárie ou perpetuação do niilismo? A afirmação trágica da existência liberta o homem ou o abandona ao vazio? Entre transcendência e imanência, Isaías e Nietzsche oferecem duas respostas radicalmente distintas para a crise da civilização ocidental.

Niilismo e esperança messiânica: entre a morte de Deus e a promessa de restauração da história

O confronto entre Nietzsche e o Livro de Isaías atinge sua forma mais radical no problema do niilismo. Não porque ambos discutam simplesmente a existência ou inexistência de Deus, mas porque representam respostas ontologicamente incompatíveis à crise do sentido humano. A questão decisiva não é teológica, mas civilizacional: a existência humana suporta viver sem redenção? Isaías responde negativamente. Nietzsche exige precisamente essa travessia. O profeta recusa aceitar que a violência histórica tenha a última palavra; o filósofo suspeita que toda esperança de salvação constitui incapacidade de afirmar tragicamente o real. Entre ambos, abre-se uma disputa irreconciliável acerca do destino da humanidade após o colapso das garantias metafísicas.

O conceito de niilismo em Nietzsche ultrapassa amplamente o sentido vulgar de pessimismo ou ausência subjetiva de esperança. O niilismo designa um processo histórico-metafísico no qual os

valores supremos que sustentavam a civilização ocidental perdem eficácia ontológica. A "morte de Deus", anunciada em A Gaia Ciência, não representa mera negação da religião, mas ruína do próprio fundamento transcendental da verdade, da moral e da finalidade histórica. O homem moderno continua utilizando categorias cristãs verdade universal, igualdade moral, redenção da humanidade, progresso mesmo após a erosão da crença metafísica que lhes dava sustentação. O niilismo emerge precisamente quando a estrutura moral permanece, mas o fundamento transcendente desaparece. O resultado não é libertação imediata, mas vertigem ontológica. O mundo já não possui eixo absoluto; a história perde direção; o sofrimento deixa de possuir finalidade superior.

Nietzsche considera que o niilismo não nasce da destruição da transcendência, mas da própria tradição metafísica que subordinou a vida a um além-mundo. A genealogia do niilismo começa justamente quando o real passa a ser julgado insuficiente diante de uma ordem superior imaginada como verdadeira. A esperança escatológica, nesse horizonte, torna-se um dos mecanismos mais sofisticados de desvalorização da existência concreta. Em O Anticristo, o filósofo acusa o cristianismo de transformar a vida em mera preparação para outro mundo. A dor do presente torna-se suportável apenas porque existe promessa futura de compensação transcendental. O sofrimento histórico é espiritualizado; a injustiça torna-se pedagogia divina; a impotência converte-se em virtude. Nietzsche vê nisso não superação do niilismo, mas sua forma mais profunda: a vida perde valor em si mesma.

É precisamente aqui que Isaías se torna adversário filosófico decisivo. O profeta recusa radicalmente a ideia de que a história possa ser abandonada ao caos ou à contingência absoluta. Sua esperança messiânica nasce da experiência concreta da devastação histórica: guerra, exílio, colapso político, corrupção das elites e destruição da ordem coletiva. O horizonte escatológico emerge como resistência contra o desespero absoluto produzido pela barbárie histórica. "O povo que andava em trevas viu grande luz" (Is 9:2). A esperança não funciona apenas como consolo espiritual; ela constitui recusa política e ontológica de aceitar a violência como verdade definitiva da história.

Todavia, Isaías não formula apenas promessa de conforto. Sua profecia é profundamente violenta. O mesmo Deus que promete restauração também julga, destrói e condena. "Porque o dia do Senhor dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo" (Is 2:12). A esperança messiânica não elimina a lógica do juízo; ela a radicaliza. Em Isaías, a história encontra-se submetida à soberania absoluta de Deus. Nações são destruídas, reis são humilhados e povos inteiros atravessam catástrofes interpretadas como expressão do julgamento divino. A transcendência não aparece apenas como consolo dos oprimidos, mas também como poder terrível que reorganiza violentamente a história.

Aqui emerge um ponto decisivo frequentemente suavizado pelas leituras contemporâneas: Isaías não é humanista liberal nem mero defensor abstrato da justiça social; ele pensa a história sob o signo de uma soberania transcendente absoluta diante da qual nenhuma potência humana possui autonomia definitiva.

É precisamente essa estrutura que Nietzsche identifica como núcleo do niilismo ocidental. O problema não é apenas moral, mas ontológico: o homem aprende a odiar a contingência do real porque espera reconciliação futura da história. O sofrimento deixa de ser afirmado tragicamente e passa a exigir compensação metafísica. Nietzsche suspeita que toda esperança escatológica nasce de incapacidade profunda de suportar o devir. A promessa messiânica transforma-se, então, em vingança contra o tempo. Em vez de afirmar a impermanência, o acaso e a finitude, a tradição metafísica cria horizontes absolutos nos quais a existência finalmente será corrigida. A esperança torna-se ressentimento temporalizado.

Nesse ponto, o confronto entre Isaías e Nietzsche atinge dimensão extrema. Isaías considera intolerável reconciliar-se plenamente com um mundo marcado pela injustiça histórica. Nietzsche considera intolerável subordinar a vida a qualquer promessa transcendente de redenção. O profeta exige que a história seja julgada; o filósofo exige que ela seja afirmada. Isaías anuncia novos céus e nova terra: “Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas” (Is 65:17). Nietzsche responde com o pensamento mais terrível do eterno retorno: viver como se cada dor, cada violência e cada instante devessem repetir-se eternamente. A escatologia isaiana promete ruptura da história; o eterno retorno destrói qualquer fuga possível do devir. Isaías espera redenção do tempo; Nietzsche exige fidelidade radical ao tempo.

A oposição entre ambos não poderia ser mais profunda. Em Isaías, a história caminha em direção à restauração da justiça divina. Em Nietzsche, não existe finalidade transcendente do devir. O eterno retorno constitui precisamente a destruição de toda esperança escatológica. O homem verdadeiramente afirmativo seria aquele capaz de desejar eternamente a própria existência sem necessidade de compensação metafísica. Aqui o niilismo atinge seu núcleo mais abissal: o mundo não possui fundamento moral último, não existe reconciliação garantida da história e nenhuma transcendência salvará os vencidos da violência do tempo. O eterno retorno não consola; ele testa a capacidade humana de suportar a ausência absoluta de redenção.

A leitura de Heidegger aprofunda radicalmente essa tensão ao interpretar Nietzsche como consumação extrema da metafísica ocidental. Para Heidegger, o niilismo não significa simples perda de valores, mas abandono do ser em favor da lógica da representação e do domínio técnico do

ente. Entretanto, Nietzsche permanece ambíguo: ao destruir a transcendência, ainda busca fundamento na vontade de potência. Isaías, ao contrário, preserva estrutura ontológica na qual a história possui sentido porque existe soberania transcendente capaz de ordenar o caos histórico. O conflito entre ambos revela duas formas inconciliáveis de habitar a crise do Ocidente: uma exige superação da metafísica mediante afirmação trágica do devir; a outra responde à catástrofe histórica mediante intensificação da esperança escatológica.

A contribuição de Jaspers permite compreender esse confronto como experiência-limite da civilização. Tanto Isaías quanto Nietzsche emergem em épocas de colapso histórico. Ambos falam diante da ruína das formas tradicionais de mundo. Entretanto, enquanto Isaías transforma a crise em possibilidade de redenção futura, Nietzsche radicaliza a própria experiência do abismo. O filósofo exige que o homem suporte a ausência de garantias metafísicas sem recorrer à esperança transcendental. O profeta interpreta a crise como julgamento divino; Nietzsche interpreta a crise como consequência inevitável da própria tradição metafísica ocidental.

A leitura de Ricoeur torna a tensão ainda mais sofisticada ao compreender a esperança bíblica como reorganização simbólica do tempo histórico. A linguagem messiânica permite reconfigurar o sofrimento coletivo sem reduzi-lo ao absurdo absoluto. Entretanto, Nietzsche suspeitaria que toda narrativa redentora continua funcionando como mecanismo hermenêutico de proteção contra a violência do real. A esperança, para Isaías, preserva possibilidade ética da justiça; para Nietzsche, preserva incapacidade de afirmar a contingência radical da existência.

É nesse ponto que a interpretação de Walter Benjamin introduz dimensão decisiva. Benjamin aproxima-se da tradição messiânica judaica precisamente porque recusa a normalização histórica da barbárie. Para ele, os mortos e os vencidos continuam exigindo redenção. A história não pode ser simplesmente afirmada porque está saturada de violência. Aqui Benjamin aproxima-se frontalmente de Isaías contra Nietzsche. O eterno retorno nietzschiano pareceria, sob esse ponto de vista, incapaz de responder adequadamente ao sofrimento histórico acumulado. Como amar eternamente uma história construída sobre massacres, exploração e destruição? Entretanto, Benjamin compartilha com Nietzsche a crítica à ideia moderna de progresso contínuo. Ambos percebem que a civilização produz simultaneamente cultura e catástrofe.

A leitura de Deleuze radicaliza ainda mais a dimensão afirmativa do pensamento nietzschiano. O eterno retorno não significa repetição mecânica do mesmo, mas seleção ontológica daquilo que pode ser plenamente afirmado. Retorna apenas aquilo que suporta a prova extrema da afirmação. Nesse horizonte, a esperança messiânica aparece como força reativa porque subordina a vida a um

futuro transcendente. Isaías, entretanto, opera precisamente pela recusa da aceitação integral do real. Sua profecia nasce do escândalo diante da injustiça histórica. O profeta não deseja repetir eternamente o mundo; deseja sua transformação radical.

A contribuição de Frye permite compreender que ambos organizam suas filosofias mediante imaginação apocalíptica. Isaías constrói imagens de destruição cósmica e restauração messiânica; Nietzsche produz imagens de abismo, morte de Deus, superação e eterno retorno. Ambos escrevem em tempos de crise civilizacional e utilizam linguagem simbólica para pensar aquilo que excede os limites da racionalidade sistemática. Contudo, enquanto Isaías imagina reconciliação final da história, Nietzsche destrói precisamente a possibilidade de qualquer reconciliação definitiva.

O conflito entre Isaías e Nietzsche revela, assim, duas ontologias irreconciliáveis do sentido histórico. Isaías sustenta que sem transcendência a história sucumbe ao caos moral da violência infinita. Nietzsche responde que a transcendência constitui precisamente a origem da desvalorização da vida. O profeta acredita que a humanidade necessita esperança para resistir à barbárie; o filósofo acredita que a esperança impede a coragem trágica de afirmar o real sem garantias metafísicas. Isaías exige redenção da história; Nietzsche exige superação da necessidade de redenenção.

Não existe síntese pacífica entre ambos. O que está em jogo não é apenas religião contra filosofia, mas duas respostas incompatíveis para o problema fundamental da existência humana após o colapso das certezas absolutas: ou a história possui horizonte transcendente de justiça, ou o homem deve aprender a habitar o abismo sem promessa de salvação.

Profecia, linguagem e criação de sentido: Isaías e Zaratustra como vozes da crise civilizacional

A crise que aproxima o Livro de Isaías e Assim Falou Zaratustra não é apenas moral, religiosa ou política; trata-se de uma crise da própria linguagem enquanto fundamento de sentido histórico. Ambos emergem em momentos nos quais o mundo parece ter perdido estabilidade simbólica: Isaías fala diante da ameaça imperial, da corrupção das elites de Judá e da ruína de Jerusalém; Nietzsche escreve após aquilo que interpreta como esgotamento metafísico da civilização ocidental. Em ambos, a palavra já não funciona como simples descrição do real, mas como tentativa extrema de impedir a dissolução do mundo no caos. O profeta e o filósofo falam porque a ordem histórica entrou em colapso. Sua linguagem nasce da catástrofe. Por isso, tanto Isaías quanto Zaratustra não argumentam apenas: anunciam, denunciam, amaldiçoam, convocam e produzem atmosferas de ruptura. A linguagem torna-se acontecimento civilizacional.

Entretanto, a origem da voz em cada um deles revela oposição ontológica radical. Isaías recebe a palavra; Zaratustra precisa inventá-la após a morte de todo fundamento transcendente. Em Isaías 6, a legitimidade profética nasce da experiência aterradora da revelação: “Vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono” (Is 6:1). O profeta não escolhe falar; ele é violentamente convocado pela transcendência. Sua voz deriva de uma autoridade absoluta anterior ao sujeito. Já Zaratustra surge precisamente no vazio deixado pela destruição dessa autoridade. Nietzsche elimina a revelação, mas preserva paradoxalmente sua estrutura performativa. O filósofo desce da montanha não porque recebeu mandato divino, mas porque o mundo tornou-se incapaz de suportar a ausência de sentido produzida pela morte de Deus. Aqui emerge uma contradição decisiva: quem autorizou Zaratustra a falar? Isaías possui legitimidade transcendente; Zaratustra fala sem fundamento. Sua autoridade nasce precisamente do abismo.

Esse paradoxo constitui uma das tensões mais profundas da obra de Friedrich Nietzsche. Nietzsche destrói a metafísica da revelação, mas não abandona a forma profética. Ao contrário: radicaliza-a. Frye demonstra que a tradição profética bíblica opera mediante linguagem visionária, imagens cósmicas, temporalidade apocalíptica e ruptura violenta da ordem histórica. Zaratustra move-se exatamente nesse registro. Ele fala por aforismos, hinos, maldições, parábolas e anúncios. Sua escrita rompe deliberadamente a linearidade argumentativa da filosofia clássica. Nietzsche compreende que o colapso da metafísica não pode ser expresso pela linguagem estável da racionalidade sistemática. A morte de Deus exige uma linguagem atravessada pela própria experiência da ruína. Por isso, Assim Falou Zaratustra não é tratado filosófico convencional, mas texto performático que oscila entre evangelho invertido, tragédia poética e profecia sem transcendência.

A aproximação entre Isaías e Zaratustra torna-se ainda mais inquietante quando se percebe que ambos estruturam sua linguagem em torno da experiência do fim. Isaías anuncia juízo contra reis, impérios e civilizações: “Porque as estrelas dos céus e os seus astros não darão a sua luz” (Is 13:10). O cosmos inteiro participa da desordem histórica. O mundo parece aproximar-se do colapso. Entretanto, o apocalipse isaiano preserva horizonte escatológico de reconciliação: “E o Senhor enxugará as lágrimas de todos os rostos” (Is 25:8). Já Nietzsche radicaliza a experiência do fim sem permitir qualquer promessa definitiva de redenção. A morte de Deus não inaugura novo reino reconciliado; inaugura vertigem ontológica. O homem moderno descobre que não existe fundamento último capaz de garantir sentido absoluto à história. O apocalipse nietzschiano não promete salvação expõe o vazio deixado pela destruição de toda transcendência.

A leitura de Heidegger permite compreender que essa transformação envolve uma mutação decisiva da própria experiência da linguagem no Ocidente. Se "a linguagem é a morada do ser", então a morte de Deus significa também crise da palavra metafísica. Em Isaías, a linguagem ainda participa de uma ordem ontológica estável: Deus fala, e o mundo encontra fundamento na revelação. A palavra profética organiza o caos histórico porque deriva de soberania transcendente absoluta. Em Nietzsche, essa estabilidade colapsa. A linguagem perde centro metafísico e torna-se fragmentária, excessiva, instável. Zaratustra fala em um mundo no qual já não existe garantia definitiva da verdade. Sua escrita encena precisamente essa experiência de destituição ontológica. O filósofo não apresenta sistema reconciliado; oferece linguagem em estado de crise. Cada metáfora, ruptura e excesso estilístico revela um mundo que perdeu fundamento.

Entretanto, Nietzsche não transforma a crise da linguagem em silêncio. Ao contrário: converte-a em criação. Aqui a leitura de Deleuze torna-se decisiva. Para Deleuze, o estilo nietzschiano não possui função ornamental, mas intensiva. Zaratustra não pretende convencer racionalmente; pretende deslocar afetos, destruir hábitos metafísicos e produzir novas possibilidades de existência. Sua linguagem é corporal, rítmica, violenta e frequentemente delirante. Nietzsche compreende que não basta criticar valores antigos — é necessário romper a própria gramática espiritual que sustentava a civilização ocidental. Isaías realiza operação semelhante ao mobilizar imagens aterradoras de fogo, ruína, trevas e devastação. Ambos sabem que épocas de colapso exigem linguagem extrema. Contudo, enquanto Isaías utiliza a palavra para reinscrever a história sob soberania divina, Nietzsche transforma a linguagem em espaço trágico de criação sem fundamento. O profeta anuncia redenção da história; o filósofo anuncia a necessidade de criar sentido no interior do abismo.

A contribuição de Benjamin radicaliza ainda mais essa tensão ao mostrar que toda linguagem da história envolve disputa entre memória e ruína. Isaías preserva a memória do sofrimento coletivo e recusa permitir que a violência imperial seja naturalizada. "Ai dos que decretam leis injustas" (Is 10:1). A palavra profética interrompe a continuidade triunfal da história dos vencedores. Nietzsche, entretanto, suspeita que determinadas formas de memória aprisionam a existência ao ressentimento. Surge então antagonismo decisivo: Isaías insiste na lembrança ética da injustiça; Nietzsche procura libertar o homem da necessidade metafísica de justificar o sofrimento histórico. O profeta fala para salvar a memória dos vencidos; o filósofo fala para impedir que a vida permaneça eternamente subordinada à culpa, à dívida e à esperança de compensação transcendente.

É precisamente nesse ponto que a figura de Zaratustra assume dimensão filosoficamente devastadora: ele é um profeta impossível. Anuncia sem revelação, funda sem fundamento, proclama após a morte de toda autoridade transcendente. Sua palavra emerge de um mundo no qual Deus já

não garante nem verdade, nem moral, nem finalidade histórica. Isaías ainda pode afirmar: “Toda carne é erva, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Is 40:6-8). Nietzsche já não dispõe dessa estabilidade. Após o colapso metafísico, resta apenas a tarefa terrível de criar sentido sem garantia de redenção. O confronto entre Isaías e Zaratustra revela, portanto, duas respostas radicalmente inconciliáveis à crise da civilização ocidental. O profeta sustenta que sem transcendência a história sucumbe ao caos moral da violência absoluta; o filósofo insiste que a própria transcendência constitui a origem da negação da vida. Entre ambos, permanece aberta a ferida central da modernidade: a humanidade ainda necessita salvação ou deve aprender finalmente a habitar o mundo sem promessa de redenção?

Conclusão

Ao final deste percurso, torna-se impossível reduzir o confronto entre Nietzsche e o Livro de Isaías a uma disputa convencional entre filosofia e religião, fé e ateísmo ou transcendência e imanência. O que se revelou foi algo mais profundo e perturbador: duas vozes erguidas em épocas de colapso histórico tentando responder, cada uma à sua maneira, à mesma experiência civilizacional da ruína. Isaías fala diante da ameaça imperial, da corrupção dos reis, da violência institucionalizada e da destruição de Jerusalém. Nietzsche escreve diante daquilo que interpreta como decomposição espiritual do Ocidente após o esgotamento dos fundamentos metafísicos da verdade, da moral e de Deus. Ambos surgem quando o mundo parece perder sustentação simbólica. Ambos falam porque o silêncio já não é possível.

Entretanto, aquilo que em Isaías aparece como convocação profética da transcendência, em Nietzsche transforma-se em denúncia radical da própria transcendência. O profeta olha para a história e vê corrupção moral que exige juízo divino; o filósofo olha para a história do Ocidente e vê precisamente na metafísica religiosa uma das origens da decadência humana. Isaías anuncia: “Ai dos que decretam leis injustas” (Is 10:1). Nietzsche responde suspeitando que toda moral fundada em absolutos termina produzindo domesticação da vida, ressentimento e negação dos impulsos vitais. O primeiro exige redenção da história; o segundo exige libertação da própria necessidade metafísica de redenção.

Mas o antagonismo entre ambos jamais se estabiliza em oposição simples. Quanto mais Nietzsche combate a tradição profética, mais sua escrita aproxima-se paradoxalmente dela. Zaratustra desce da montanha como figura visionária; proclama ruptura civilizacional; anuncia novos valores; fala em tom revelatório; utiliza metáforas cósmicas, parábolas e imagens apocalípticas. Nietzsche destrói a

autoridade da revelação e, no entanto, preserva a estrutura da voz profética. Surge então uma das contradições mais profundas da modernidade filosófica: Zaratustra fala como profeta precisamente em um mundo onde já não existe Deus para autorizar a palavra do profeta.

É aqui que o problema central deste estudo se radicaliza. Isaías pode falar porque foi chamado: "Quem enviarei?" (Is 6:8). Sua palavra ancora-se na soberania divina. Zaratustra, entretanto, fala após a morte de toda garantia transcendente. Sua voz emerge sem fundamento absoluto. O profeta hebraico recebe a verdade; o filósofo trágico precisa criá-la em meio ao colapso do sentido. A modernidade encontra-se precisamente suspensa entre essas duas experiências extremas da linguagem: a palavra revelada e a palavra abandonada ao abismo da criação humana.

Ao longo deste artigo, tornou-se evidente que tanto Isaías quanto Nietzsche recusam o conformismo diante da decadência histórica. Ambos denunciam a corrupção do presente. Ambos transformam a linguagem em acontecimento crítico. Ambos compreendem que épocas de crise exigem ruptura da normalidade discursiva. Entretanto, divergem radicalmente quanto ao destino da existência. Isaías insiste que sem transcendência a história dissolve-se na violência absoluta dos impérios e da injustiça. Nietzsche insiste que foi precisamente a transcendência que ensinou o homem a odiar o mundo concreto em nome de um além redentor. Um vê salvação na soberania divina; o outro vê libertação apenas na coragem trágica de afirmar a existência sem garantias metafísicas.

O confronto torna-se ainda mais dramático no problema do sofrimento. Isaías recusa aceitar que a dor dos vencidos permaneça sem redenção histórica. Nietzsche suspeita que a sacralização da dor transforma-se em mecanismo de perpetuação do niilismo. Isaías preserva a esperança messiânica; Nietzsche propõe o eterno retorno como destruição radical de toda promessa escatológica. O profeta deseja reconciliação da história; o filósofo exige fidelidade absoluta ao devir, mesmo quando ele se apresenta sob a forma da catástrofe. Entre ambos, a humanidade parece condenada a oscilar entre duas impossibilidades igualmente profundas: a impossibilidade de viver plenamente sem esperança e a impossibilidade de continuar acreditando ingenuamente nela após a crise da metafísica.

Talvez seja precisamente essa irresolução que torne o diálogo entre Isaías e Nietzsche filosoficamente incontornável para compreender a condição contemporânea. A modernidade não abandonou completamente a necessidade de redenção, mas também já não consegue habitar integralmente o universo simbólico da transcendência tradicional. Continua exigindo justiça para os vencidos da história, mas suspeita das promessas absolutas que tentam reconciliar definitivamente o sofrimento humano. Continua procurando sentido, embora desconfie de toda verdade que se

apresente como eterna. Entre o profeta e o filósofo permanece aberta uma ferida que o pensamento moderno jamais conseguiu fechar.

No limite, Isaías e Nietzsche talvez representem não apenas duas teorias rivais sobre a existência, mas duas formas inconciliáveis de habitar o colapso civilizacional. Isaías insiste que a história necessita esperança para não sucumbir ao desespero absoluto; Nietzsche insiste que a esperança frequentemente constitui a última forma refinada de negação da vida. O profeta continua ouvindo uma voz que promete redenção; Zaratustra continua caminhando após o silêncio deixado pela morte de Deus. E talvez a modernidade permaneça precisamente entre ambos: incapaz de retornar plenamente à transcendência, mas igualmente incapaz de suportar sem vertigem um mundo definitivamente privado dela.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Friedrich Nietzsche. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Friedrich Nietzsche. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Friedrich Nietzsche. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Friedrich Nietzsche. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Friedrich Nietzsche. **O anticristo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Gilles Deleuze. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

Martin Heidegger. **Introdução à metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

Martin Heidegger. **Carta sobre o humanismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

Martin Heidegger. **Nietzsche**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 2 v.

Martin Heidegger. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

Northrop Frye. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

Paul Ricoeur. **A metáfora viva**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

Paul Ricoeur. **A simbólica do mal**. Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013.

Paul Ricoeur. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009.

Paul Ricoeur. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1994. 3 v.

Karl Jaspers. **Nietzsche: introdução à compreensão de seu filosofar**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2016.

Walter Benjamin. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Walter Benjamin. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Autor:

Marco Aurélio da Silva

Doutor em Extensão Rural -UFSM; Mestre em Ciências Sociais - UFSM; Mestre em Educação - UNISC. Tem desenvolvido pesquisas sobre economia solidária, cooperativismo escolar, gestão educacional.

E-mail: marcoaurelio22000@gmail.com

ORCID: https://orcid.org/0009-0006-7358-5814

Lattes: http://lattes.cnpq.br/6665383866556823